

Deborah Ellis

MEU NOME É PARVANA

Tradução

Luciano Vieira Machado

ea
editora ática

Titulo original: *My name is Parvana*
Titulo da edição brasileira: *Meu nome é Parvana*
© 2012 by Deborah Ellis
Published in English in Canada and the USA by Greenwood Books Limited
www.groundwoodbooks.com

Diretoria editorial Lidiane Vivaldini Olo
Edição Camila Saraiva
Tradução Luciano Vieira Machado
Preparação Sílvia Massimini Felix

Gerência de produção editorial Ricardo de Gan Braga

Arte

Soraia Pauli Scarpa (coord.)
Ilustração de capa Rogério Soud

Revisão

Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Rosângela Muricy (coord.), Célia Carvalho,
Paula Teixeira de Jesus, Brenda Morais e Gabriela L. Miragaia (estags.)

Iconografia

Silvio Kligin (superv.), Cesar Wolf e Fernanda Crevin (tratamento de imagem)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

E43m

Ellis, Deborah, 1960-
Meu nome é Parvana / Deborah Ellis ; tradução
Luciano Vieira Machado. - 1. ed. - São Paulo : Ática, 2016
184p.: (Vasto Mundo)

Tradução de: *My name is Parvana*
ISBN 978-85-08-17930-5

1. Guerra - Literatura infantojuvenil. 2. Afeganistão -
Literatura infantojuvenil. I. Machado, Luciano Vieira. II. Título.

16-29623 CDD 028.5
CDU 087.5

Código da obra CL 739137
CAE 564021

2016
1ª edição
1ª impressão
Impressão e acabamento:

ea

editora ática

Direitos desta edição cedidos à Editora Ática S.A., 2016
Avenida das Nações Unidas, 7221
Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902
Tel.: 4003-3061 / atendimento@aticascipione.com.br
www.aticascipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Para aqueles que acordam toda manhã
e enfrentam a luta do dia.

Afganistão é onde se passa a maior parte desta história. Você sabe onde fica?





— Seu nome é Parvana?

A menina de xador¹ azul empoeirado não respondeu. Ela estava imóvel, sentada numa dura cadeira de metal, olhos fitos no chão. O tecido do xador lhe cobria a metade inferior do rosto.

Se seus lábios se crispavam pelo fato de ela entender as palavras em inglês, o homem e a mulher uniformizados que a observavam não saberiam dizer.

— Seu nome é Parvana?

A mulher repetiu a pergunta do homem, traduzindo-a para *dari*², em seguida para *pashtun*³. Então, depois de uma pausa, para *uzbek*⁴.

A menina continuou calada.

— Ela não responde, senhor.

— Estou vendo, cabo. Pergunte novamente.

A mulher temperou a garganta e repetiu a pergunta nas três línguas.

— Seu nome é Parvana?

Dessa vez as palavras foram pronunciadas mais alto, como se a menina não respondesse pelo fato de a intérprete estar falando muito baixo.

¹ xador – peça de vestuário usada por meninas e mulheres para cobrir os cabelos e os ombros. As meninas a usam fora de casa.

² *dari* – língua de origem persa usada na maior parte do Afeganistão, incluindo a capital, Cabul.

³ *pashtun* – língua falada no sul e leste do Afeganistão, em partes do Paquistão e em pequenas comunidades na Índia.

⁴ *uzbek* – língua oficial do Usbequistão.

A menina permaneceu imóvel e não respondeu. Ela estava de olhos fitos numa pegada de chinelo no chão e não levantou a vista.

Ouviam-se sons no pequeno escritório — sons abafados por paredes e pela distância. Um motor de caminhão. Botas pisando areia. Um jato voando lá em cima. O voitar de uma hélice de helicóptero.

A menina sabia que havia outras pessoas por ali. Ela as vira quando eles a tiraram do caminhão e a puseram sentada na cadeira dura daquela salinha. Ela não olhara em volta, mantendo os olhos na areia e nas pedras do pátio, depois nas escadas de blocos de cimento e por fim no duro piso cinzento do comprido corredor.

— Talvez ela seja surda, senhor.

— Ela não é surda — respondeu o homem. — Olhe para ela. Ela parece ser surda?

— Não sei bem ao certo...

— Se ela fosse surda, estaria olhando em volta, tentando entender o que está acontecendo. Ela está olhando em volta? Ela levantou a cabeça? Não. Ela ficou de olhos baixos desde que foi trazida para cá, e eu não a vi levantar a cabeça nem uma vez. Pode acreditar, ela não é surda.

— Mas ela não falou, major. Nem uma palavra.

— Com certeza ela disse alguma coisa quando eles a pegaram e a puseram no caminhão. Ela guinchou ou gritou alguma coisa?

— Não, senhor.

— O que é que ela fez?

A menina de xador azul ouviu um ruído de papéis se agitando levemente enquanto a mulher de uniforme verde do exército lia um relatório.

— Senhor, aqui diz que ela se manteve em silêncio, esperando.

— Em silêncio, esperando. — O homem disse essas palavras devagar, como se as estivesse mascando e fazendo-as girar dentro da boca. — Cabo, o que é que sua intuição lhe diz sobre a garota?

Houve uma pausa. A menina de xador azul imaginou que a mulher estava tentando adivinhar que tipo de resposta pudesse agradar ao major.

— Senhor, não tenho informação suficiente para formar uma opinião.

— Cabo, por que você se alistou?

— Minha professora de espanhol me deu essa sugestão. Ela disse que eu tinha bom ouvido para línguas e que poderia ser útil ao exército.

— Você frequentou o *Defense Language Institute* de Monterrey?

— Sim, senhor...

— Você é muito jovem. Já teve outro emprego?

— Trabalhei na padaria dos meus pais.

— Pão?

— Um pouco de pão. Biscoitos, barrinhas de noz-pecã, tortas, bolos. Coisas assim.

— Torta folhada de maçã?

— Claro, senhor.

— Minha preferida.

— Se o senhor quiser, posso pedir aos meus pais que lhe mandem algumas.

— Obrigado, cabo. Elas estarão um pouco pasadas quando chegarem aqui, mas ainda muito boas, aposto. Quer dizer então que era uma padaria de cidadezinha com um pouco de tudo. E quando trabalhava lá você fazia um pouco de tudo — usava o forno, tratava com fornecedoros, atendia os clientes?

— Sim, senhor.

— Já lhe aconteceu sentir que alguém foi lá sem boas intenções?

— Como?

— Alguém entra na loja de vocês, não faz nada errado, não diz nada errado, mas ainda assim você pensa: “Há algo de errado nesse cliente”. Então você se põe a observá-lo com atenção e fica contente quando ele vai embora.

— Acho que sim, senhor. A cidade é pequena, mas coisas ruins acontecem em toda parte.

O homem ficou batendo a caneta na escrivaninha por algum tempo. A menina de xador azul percebeu que teria de se esforçar muito para evitar que aquilo a aborrecesse.

— Olhe para ela — disse o homem.

Ouviu-se o som de corpos se mexendo em cadeiras.

— Ela não falou uma palavra, manteve-se quieta e esperou ser detida — disse ele. — O que me diz disso?

— Não sei, senhor. Talvez ela esteja com medo.

— Ela parece estar com medo?

Houve mais uma pausa.

— Não, senhor. Não parece. Talvez, pode ser que... talvez haja alguma coisa errada com ela. Talvez ela não seja inteligente o bastante para ter medo.

— Você era padeira, cabo. Eu trabalhei na área de Segurança. Aprendi a farejar encrencas. E essa menina é uma encrenca. O que sabemos sobre ela?

— Muito pouco, senhor. Ela foi pega numa ruína abandonada que antes fora uma escola. Desconfiamos que aquilo ali está sendo usado como base de onde os talibãs desfecham ataques contra nós, e as informações que colhemos entre os aldeões parecem confirmar isso, embora ninguém se disponha a falar abertamente. A menina era a única que estava lá. E trazia uma mochila esfarrapada no ombro. Na

mochila havia alguns papéis onde se lia o nome Parvana. É por isso que achamos que é o nome dela.

— Deixe-me ver a mochila.

— Senhor, acho que ela foi mandada para análise.

— Vá buscá-la. Não posso esperar que eles a vasculhem inteira, procurando evidências minuciosamente em todos os cantos. Eles vão demorar o tempo que quiserem. Pegue-a agora mesmo. Traga-a aqui. Se eles chiarem, diga que se trata de uma ordem.

— Sim, senhor.

De sua cadeira, a menina viu as botas militares da mulher cruzarem a sala e saírem do escritório. Quando a porta se abriu, mais ruídos entraram de fora — campainhas de telefone, pessoas falando, arquivos se abrindo e fechando.

A menina manteve os olhos abertos e fitos no chão. Ela sabia que o homem da escrivania estava de olho nela. Ela fazia o que podia para ignorá-lo. Era difícil. Ela pensou no velho truque que usava para seguir em frente quando estava assustada no deserto.

Ela recitou tabuadas de multiplicação para si mesma.

Dezenove vezes sete é igual a cento e trinta e três. Dezenove vezes oito é igual a cento e cinquenta e dois. Dezenove vezes nove é igual a cento e setenta e um.

Ela chegou até a tabuada dos vinte e oito antes que as botas da mulher entrassem novamente no escritório. Ela ouviu o som de alguém colocando sobre a escrivania a mochila que seu pai usava a tiracolo.

— Isto parece já ter conhecido dias melhores — disse o homem. — Vamos ver o que temos aqui.

Ele foi nomeando cada coisa que tirava da mochila.

— Um caderno. O que está escrito aí?

— Senhor, está escrito: “Propriedade de Parvana. Que ninguém ponha a mão”.

— É exatamente o que minha filha adolescente escreveria. Que língua é essa?

— *Dari*. Mas não sabemos se o caderno é dela. Ela pode ter fuçado nas ruínas ou...

— Canetas — disse o homem. — E um exemplar de *O sol é para todos*, em inglês. O que será que uma menina como essa está fazendo com um clássico americano? Mas olhe. Algumas páginas foram tiradas... e até parece que alguém arrancou pedaços a dentadas! Por que estamos tentando civilizar essa gente? — Ele jogou o caderno na escrivaninha.

A menina de xador azul teve de fazer um grande esforço para não pular da cadeira, agarrar o livro e golpear a cabeça do homem com ele.

Ela ouviu alguém folhear o caderno.

— Quem é essa menina? O que ela quer? — perguntou o homem. — Talvez ela estivesse, como você diz, mexendo no lixo. Faz sentido. Suas roupas estão cobertas de poeira. Os pés dela estão imundos. Ela parece ter dormido ao ar livre, no chão. Havia alguma outra coisa de valor naquele edifício?

— Para essa gente, tudo tem valor, senhor — disse a mulher. — Mas sim, havia outras coisas que ela podia ter levado. Um rádio. Alguns utensílios de cozinha.

— Em outras palavras, coisas que ela podia usar. Ou vender. Portanto, se ela fosse apenas uma catadora de lixo, ela as teria levado. Em vez disso, ela pega essa mochila velha esfarrapada, cheia de pedaços de papel inúteis, e um livro meio comido.

Não. Meus instintos não falham. Ela estava aprontando alguma coisa. E nós vamos investigar isso a fundo. Prenda-a.

A essas palavras, um tremor tomou conta do corpo da menina.

— Há um problema, senhor — disse a mulher.

— As celas estão cheias de homens.

— Não existem celas femininas?

— Ainda não houve necessidade delas.

— Bem, agora há. Essa menina não vai para lugar nenhum.

Mais uma pausa. A caneta voltou a tamborilar na escrivaninha.

— Que tal a prisão do navio de guerra? — perguntou o homem um pouco depois.

— A prisão do navio? É para soldados.

— Ela tem celas, não tem? Elas são seguras?

— Sim, mas...

— Mas o quê? — perguntou o homem.

— As celas do navio são um pouco melhores que as que usamos para prisioneiros afegãos.

O homem riu.

— Não se pode dizer que este seja um dia de sorte para essa menina, cabo. Por melhor que a cela seja, de todo modo é uma prisão. Onde ela ficará por muito tempo — acrescentou ele, pegando o telefone e se pondo a discar.

Na cadeira, a menina tentou voltar às suas tabuadas de multiplicação. Ela precisava se manter calma. Precisava evitar que notassem como estava assustada.

O homem desligou o telefone.

— Pronto. Trate de prepará-la. Não poderemos tirar nada dela se ela não quiser falar. Faça com que ela fale conosco. Continue perguntando-lhe o no-

me. Pergunte sem parar, até ela lhe dizer, só para se livrar das perguntas. É tudo.

A mulher se levantou.

— Sim, senhor!

Ela tomou o braço da menina, tirou-a do escritório e conduziu-a pelo corredor. Mais uma vez elas estavam à luz do sol. A menina foi conduzida por um pátio, passou por uma fileira de tanques e carros blindados, por um grupo de soldados fazendo exercícios físicos, por vários grandes edifícios de metal cinza. Elas subiram alguns degraus, entraram em outro edifício, avançaram por um longo corredor e pararam diante de uma série de portas cinzentas.

A menina ouviu a chave girar na fechadura. A porta se abriu. Ela levou uma ligeira cotovelada e entrou na cela. A porta se fechou atrás dela.

Ela tinha certeza de que a mulher a observava pela janelinha que havia na porta. A menina ficou encostada à porta e não se mexeu.

— Nós podemos mantê-la presa aí por muito tempo — disse por fim a mulher, em tom suave. — Diga para mim. Seu nome é Parvana?

A menina continuou encostada à porta. Em silêncio.

Ela ouviu as botas da mulher avançarem pelo corredor. Manteve-se em pé e esperou, escutando com atenção para ver se as botas iriam voltar.

Quando teve certeza de que estava sozinha, a menina de xador azul empoeirado falou por fim:

— Sim — disse ela num sussurro. — Meu nome é Parvana.

DOIS



Parvana olhou em volta da salinha onde fora encarcerada.

Não era ruim. Era limpa. Nela havia uma estreita cama de metal com um colchão fino. Num dos extremos da cama, havia um cobertor cinza dobrado. Perto da cama, via-se uma mesa de metal presa à parede. Sob a mesa, havia um banco dobrável.

As paredes, de metal, eram de um cinza liso. Os olhos de Parvana deslizaram por elas e se detiveram numa pequena etiqueta perto do chão, junto da cama.

Prisão desmontável, ela leu. *Especialistas em Detenção Criativa, para todas as suas necessidades de detenção.*

O texto estava escrito em inglês, que ela sabia ler. Ela continuou lendo e viu que aquela prisão tinha sido fabricada na América do Norte, num lugar chamado Fort Wayne, no estado de Indiana. Com certeza eles a dobraram como se dobra uma caixa de papelão e a puseram num grande avião com destino ao Afeganistão; eles a desdoblaram aqui, nesse pedaço de terra de seu país.

Parvana olhou para os parafusos e linguetas que mantinham as peças unidas. Na etiqueta tam-

bém se lia que a cela fora inspecionada pelo Inspetor 247.

O Inspetor 247 deve ter achado tudo em ordem, porque lá estava a cela.

Parvana começou a imaginar como seria o Inspetor 247. Seria homem ou mulher? Será que eles se perguntavam sobre quem iria ficar preso entre as paredes cinzentas que eles inspecionaram? Será que tinham família para a qual voltar à noite? Uma família completa, porque ninguém fora morto a tiros nem pisara numa mina terrestre ou apenas se cansou de continuar vivendo? Quando eles eram mais jovens, será que sonharam em ser um inspetor de prisões desmontáveis?

Deve ser um bom emprego, com certo prestígio. Eles devem dizer: “Essa cela está boa, podem despachar”, ou “Essa está com defeito, mandem de volta à fábrica”.

Do outro lado da cela havia um vaso sanitário e uma pia. Parvana tocou de leve na torneira. Saiu água! Ela tinha água encanada! Parvana deixou-a escorrer pelas pontas dos dedos.

Num pedaço de papel acima da pia, ela leu que desperdiçar água acarretaria mais punições. Mais que depressa ela fechou a torneira e esperou ouvir botas no corredor. Não ouviu nada.

— O que mais eles podem fazer comigo? — sussurrou ela.

Ela tornou a abrir a torneira e molhou o rosto. Quando terminou, fechou a torneira. Não porque temesse ser punida, mas porque aquela parte do país era seca, e nunca se devia desperdiçar água. E embora a prisão tivesse vindo da América, a água era do Afeganistão. Ela lhe pertencia.

A cama parecia convidativa. Oh, estender-se numa cama só dela, num quarto fechado com porta e água encanada! Mas Parvana ainda não podia se permitir dormir, não ainda. Não enquanto não descobrisse o que estava acontecendo.

Ela ficou por algum tempo junto à porta, procurando alguma abertura que lhe permitisse espreitar o corredor. Não havia nenhuma. Havia uma tela de metal, mas a placa que a cobria ficava do outro lado da porta. Seus carcereiros poderiam fazer a placa deslizar e olhar para ela sempre que quisessem, mas ela não podia olhar para eles.

Quando finalmente se permitiu sentar-se na cama, ela se apoiou na borda, meio sentada e meio pronta para saltar dali se a situação assim exigisse. A cama tinha uma saliência de metal para manter o colchão no lugar.

Parvana estava cansada e assustada, mas era a primeira vez em sua vida que dispunha de um quarto só para ela, então queria aproveitar o máximo possível.

Se a tivessem consultado sobre como projetar aquela cela — se o Inspetor 247 tivesse pedido sua opinião —, Parvana teria algo a dizer sobre a cor. Azul, ela pensou. Um azul brilhante, a cor do céu numa brilhante manhã de inverno, antes que as nuvens viessem das montanhas. Ela ainda poria alguns toques de vermelho aqui e ali. Um vermelho alegre como o vermelho do belo *shalwar kameez*⁵ do qual ela teve de abrir mão quando criança, porque sua família precisava do dinheiro.

⁵ *shalwar kameez* – conjunto de calça e camisa compridas, usado tanto por homens como por mulheres. O modelo masculino é liso, com bolsos laterais e no peito. O feminino tem cores e padrões diferentes, muitas vezes com elaborados bordados de miçangas.

Tinha sido anos atrás, mas ela ainda conseguia vê-lo tremulando no mercado — uma mancha colorida brilhante num lugar triste. Seu último resquício de infância, vendido a um desconhecido.

Ela teria projetado a cama de modo que pudesse ser dobrada contra a parede, deixando-lhe espaço para dançar ou fazer exercícios. Ela fazia vigorosos exercícios físicos na escola e, se pudesse, gostaria de continuar fazendo.

E, naturalmente, a janela seria maior. Daria para um pomar e para um rio. Além disso, haveria uma porta que ela poderia abrir e passar por ela quando quisesse.

Mas então não seria uma cela de prisão.

A cama se revelou confortável até demais, e seu queixo começou a cair em direção ao peito. Ela o ergueu com um gesto brusco, levantou-se e bateu os pés no chão para acordar.

Ela precisava ficar acordada. Ela precisava se manter alerta para o que quer que fosse acontecer.

Todos tinham ouvido histórias muito duras. Todo mundo conhecia alguém que sabia de alguém que tinha desaparecido atrás das paredes de lugares como aquele. Às vezes as pessoas voltavam, iradas e jurando vingança. Às vezes, voltavam trêmulas e corriam a se enfiar pelos cantos para resmungar sozinhas. Todo mundo conhecia alguém que conhecia alguém. Era um segredo que todos sabiam.

O que acontecia por trás das paredes da prisão era ruim. Parvana tinha visto as cicatrizes, as marcas de tortura. O vendedor ambulante que todos os dias empurrava sua carroça no campo de refugiados mostrava suas cicatrizes para qualquer um que fosse lhe comprar uma panela ou uma escova.

“Isso não foi obra do Talibã⁶”, dizia ele. “Foi obra dos que nos salvaram do Talibã. Quem nos salvará de nossos salvadores?”

Parvana já ouvira a história dele três vezes, pois muitas vezes ela fazia as compras para sua família. E lá ia ele mostrando e tornando a mostrar os pulsos e os tornozelos seriamente machucados.

“Sou só um mascate”, dizia ele. “Apenas empurro uma carroça. Não sei o que há no coração da pessoa a quem eu vendi um cadarço de sapato. Quando um homem compra uma barra de sabão, não lhe pergunto se ele é o demônio. Por que eles me prenderam? Por que eles me machucaram?”

Quando ouviu a história pela primeira vez, Parvana sentiu-se fascinada, chocada e solidária. Ela queria fazer alguma coisa pelo velho. A única coisa que lhe ocorreu fazer foi lhe deixar o troco da compra que fizera, mas não podia fazer isso porque sua família tinha pouco dinheiro. Então ela ouviu a história do vendedor até que ele se cansou de contá-la, pegou a carroça e foi embora.

Ao ouvir a história pela segunda vez, ela também se sentiu triste e solidária, mas se lembrou da bronca que sua mãe lhe dera da última vez por ficar zanzando por ali em vez de trabalhar. Por isso, ficou procurando uma brecha na história do homem para poder se afastar educadamente. Não houve nenhuma brecha. Ele não parava de falar, mostrando as cicatrizes, descrevendo sua dor e querendo respostas. “Por que fizeram isso comigo? Eu sou um João-ninguém. Por que eles haveriam de fazer isso a um João-ninguém?”, insistia. Parvana sentia-se

⁶ Talibã – exército afegão que tomou o controle da capital, Cabul, em setembro de 1996 e foi expulso do poder em 2001.

frustrada por não ter respostas e não poder ajudá-lo. Por fim, decidiu se afastar e o deixou gritando para o céu.

Na terceira vez, ela fingiu não conhecer o homem. Pegou o chá e a linha de que precisava, olhou para o chão e pagou sem falar nada. Ela sentia a solidão que vinha dele em ondas, e se fechou para se proteger dela.

Ela não queria acabar como o mascate. Não queria acabar cheia de fúria e gritando por vingança. De qualquer forma, de quem ela iria se vingar? Quanto teria de remontar no tempo até se sentir satisfeita? Será que uma palavra como vingança tinha algum sentido num país como o Afeganistão?

Parvana tinha dúvidas quanto a isso.

Gritar por vingança seria perda de tempo. E muito do seu tempo já tinha sido perdido.

Ela não queria perder o juízo atrás daquelas paredes. O Afeganistão já tinha muitas mentes perdidas, flutuando como balões invisíveis no ar acima da terra, deixando para trás pessoas de mente vazia gemendo, solitárias, na lama.

— Como vou sair dessa? — ela se perguntou num sussurro.

Ela tinha de acreditar que um dia haveriam de soltá-la.

Ela não podia admitir que não o fizessem.

Depois de tudo por que passara, ela só tinha certeza de uma coisa.

Ela sabia que não podia confiar neles.

Só podia confiar em si mesma.